

A GÊNESE DE UMA NAÇÃO

A família de Jacó chegou com 70 pessoas para morar na região fértil do Delta do Nilo e reaparece com milhares de pessoas que enchem o Egito e provocam o medo de levante nos dirigentes egípcios.

É nesse cenário que entra um judeu com nome egípcio, Moisés. Será esse homem que coordenará o maior evento da história do povo de Deus no Antigo Testamento: o êxodo do Egito.

A experiência histórica será lembrada, desse momento em diante, como a grande intervenção de Deus na história do seu povo. Com o êxodo, a promessa, que antes fora feita aos patriarcas, agora é feita ao povo. De promessa, transforma-se numa aliança, num pacto. Javé será o Deus de Israel e Israel será o povo de Javé.

Três meses depois de sair do Egito, o povo chega no Monte Sinai (Horebe). Nesse lugar, eles acampam por quase um ano. Ali surge a lei, e com ela um passo a mais é dado no disciplinado do povo. Ele percebe que Deus não é apenas poderoso, mas, também, legislador. Sua legislação, predominantemente, ética e relacional.

Ao pé desse morro, o povo recebe os Dez Mandamentos e diversas leis que objetivam nortear os relacionamentos interpessoais e internacionais do povo. Eles precisam de preceitos para se relacionar entre si, entre as famílias, entre as tribos e com os outros povos.

O livro de Êxodo poderia ser chamado de narrativa da criação de Israel. Nele percebemos o nascimento daquela que seria a nação escolhida para trazer ao mundo o próprio Filho de Deus.

Um bom estudo.

Atitude

REVISTA DO JOVEM CRISTÃO

ISSN 1984-8382

Literatura Batista
Ano CXVI – Nº 461

Atitude professor é uma revista de orientações didáticas para professores de jovens na Escola Bíblica Dominical seguindo a matriz curricular da edição do aluno

Copyright © Convicção Editora
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização
por Convicção Editora
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

Endereços

Caixa Postal, 13333 – CEP: 20270-972
Rio de Janeiro, RJ
Telegráfico – BATISTAS

Editor

Sócrates Oliveira de Souza

Coordenação Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida (RP/16897)

Redação

Valtair Afonso Miranda

Produção Editorial

Oliverartelucas

Produção e Distribuição

Convicção Editora

Tel.: (21) 2157-5567

Rua José Higino, 416 – Prédio 16 – Sala 2

1º Andar – Tijuca – Rio de Janeiro, RJ

CEP 20510-412

conviccao@conviccaoeditora.com.br

//SUMÁRIO

Para começar	1
Pauta musical.....	3
Conversa de professor	4
Tema da EBD.....	7
Lição 1 – Escravidão e terror no Egito	10
Lição 2 – Deus levanta um libertador.....	13
Lição 3 – Moisés enfrenta o faraó do Egito..	16
Lição 4 – As pragas e a instituição da Páscoa.....	19
Lição 5 – A saída do Egito.....	22
Lição 6 – O concerto de Deus no Sinai	25
Lição 7 – Os Dez Mandamentos	28
Lição 8 – A dádiva da lei e a construção do tabernáculo	31
Lição 9 – A instituição do sacerdócio.....	34
Lição 10 – Um interlúdio espiritual.....	37
Lição 11 – O sentido de equipe do povo de Deus	40
Lição 12 – Uma grande obra em construção ..	43
Lição 13 – A festa da dedicação.....	46

DEUS DOS ANTIGOS

1. Deus dos an-ti-gos, cu-ja for-te
 2. Já no pas-sa-do vi-mos teu a-
 3. Da guer-ra-a-troz, da pes-te a se-a-las-
 4. Teu po-vo, ó Deus, a-ni-ma em seu la-

mão re-gee sus-tém os as-tros da am-pli-dão
 mor; des-te pa-ís sê for-te a-ju-da-dor.
 trar, teu for-te bra-ços-te-ja a nos guar-dar.
 bor. Trans-for-ma a noi-te em di-a de es-plen-dor.

do cin-ti-lan-te céu ins-pi-ra-dor,
 Sê nos-soes-tei-o, gui-a e pro-te-ção.
 Au-men-ta a fé em ca-da co-ra-ção,
 A nos-sa vi-da vem for-ta-le-cer

com gra-ti-dão can-ta-mos teu lou-vor.
 Tu-a pa-la-vra dê-nos di-re-ção.
 e vi-va em nós a tu-a com-pai-xão.
 pa-rao teu no-me sem-pre en-gran-de-cer. A-mém.

HCC, nº 34

LETRA: Daniel Crane Roberts, 1876

Port. João Wilson Faustini, 1958

Música: George William Warren, 1887

NATIONAL HYMN

10.10.10.10.

DEFINIÇÃO DE EDUCAÇÃO

VALTAIR MURANDA
RIO DE JANEIRO, RJ

Várias definições de educação têm sido sugeridas que podem ser colocadas em um contínuo cujos polos são educação formal e informal. A educação formal é convencional, de forma ordenada, lógica, planejada e sistemática. A educação formal está associada mais diretamente à instituição da escola e à experiência em sala de aula. Geralmente, um entendimento formal limita a educação às experiências das pessoas dentro da sala de aula com pouca referência às experiências incidentais e variadas dos alunos fora da sala de aula. Trata-se de uma definição limitada de educação em comparação com os diversos ministérios do ensino descritos nas Escrituras, que não vislumbraram o local primário da escola na transmissão da fé.

Na outra ponta do polo está a educação informal que define a educação em termos de vida. A educação informal ocorre por meio de identidade e experiência compartilhadas. Ela se dá em outros cenários além da escola e da sala

de aula. Essa definição de educação vê toda a vida e experiência como educação. Considera que as interações informais e não intencionais proporcionam ocasiões em que a aprendizagem pode ocorrer. Essa definição talvez seja muito ampla, na qual toda experiência não seja educação, mas pode ser, de fato, má educação se considerarmos questões de valores.

Uma cautela em relação a essa definição é que experiência não é suficiente para a educação. Tendo reconhecido esse alerta em relação à experiência sem oportunidades de reflexão séria nas escolas ou em outros ambientes, o educador cristão pode afirmar a realidade de que Deus, como professor, pode usar todas as experiências da vida para instruir as pessoas. Mas, em termos de definição, a educação que inclui toda a vida e experiência deve ser distinta em alguns aspectos de outras atividades na vida.

Dadas essas duas definições extremas, uma muito estreita e outra muito am-

pla, alternativas devem ser exploradas. Em função disso, um pesquisador da área preferiu definir a educação como todo processo pelo qual uma cultura se transmite através das gerações. Isso propõe quatro grandes agências da sociedade envolvidas na educação: a família, a igreja, a comunidade e a sociedade.

A Bíblia revela o impacto dessas agências na formação de pessoas ao transmitir a fé bíblica e a cultura judaica. Muitas responsabilidades educacionais descritas nas Escrituras são dirigidas aos pais como representantes da comunidade religiosa. Eles devem passar a fé em Deus para a próxima geração (Dt 6.4-9). Socialização é o processo que permite que as pessoas se tornem responsáveis e contribuam com membros de uma comunidade. Para Israel e a igreja do Novo Testamento, a socialização permitiu que as pessoas se tornassem membros responsáveis da comunidade religiosa. Nessa perspectiva, a educação é equiparada à socialização. Mas, como foi o caso da definição de educação como vida, esse foco ainda pode ser muito amplo para identificar os elementos distintos da educação em comparação com os processos contínuos de formação.

À medida que as pessoas crescem dentro de uma comunidade ou família, algumas, ou talvez, a maioria de suas experiências de aprendizagem não é

planejada intencionalmente. O dilema novamente é a questão: o que torna a educação distinta ou única? Um problema adicional surge se a educação for equiparada à socialização. Isso implica a limitação da reforma ou renovação na comunidade, pois não só uma comunidade forma ou educa um indivíduo, mas um indivíduo também pode moldar ou educar uma comunidade. Além disso, a fé bíblica inclui o processo de educação profética, no qual uma norma cultural é seriamente questionada à luz dos valores de Deus. A realização desses valores muitas vezes transcende os processos de socialização.

Isso indica que educação inclui escolaridade formal, experiências de vida e socialização. Com isso, a educação se torna um esforço deliberado, sistemático e sustentado para transmitir, evocar ou adquirir conhecimentos, atitudes, valores, habilidades ou sensibilidades, incluindo agências educacionais além da escola, mantendo o caráter deliberado, sistemático e sustentado da educação. A educação é deliberada no sentido de ser intencional e planejada. É sistemática em termos de exposição sequencial e sensibilidade à prontidão dos participantes. A educação também é sustentada ao longo do tempo, implicando uma continuidade de exposição e interação, juntamente com uma relação contínua entre alunos e professo-

res. Essa definição inclui transmissão, descoberta e autoeducação e amplia o foco limitado no conhecimento que tem caracterizado alguns esforços de escolaridade.

Ainda falta nesta definição espaço para as dimensões normativas da educação. Não há como distinguir a educação errada da educação que é adequada e útil para os alunos. Ao lidar com a educação, os educadores devem abordar julgamentos de valor fundamental. Para o educador cristão, o que está de acordo com uma visão cristã de mundo é a educação adequada, e o que não está de acordo com essas fundações é a educação errada.

Assim, levando estes elementos em conta, podemos apontar a educação como o processo de compartilhamento de conteúdo com pessoas no contexto de sua sociedade e comunidade. O conteúdo neste caso inclui questões para a mente, o coração e o corpo em termos de vida individual e coletiva.

DEFINIÇÃO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ

Dada a importância das dimensões normativas para a definição da educação, os cristãos são chamados a propor uma definição de educação cristã que possa guiar seus esforços. Assim, surgem algumas sugestões de definição:

- A educação cristã é um processo de ensino-aprendizagem baseado na Bí-

blia, apoiado pelo Espírito Santo, centrado em Cristo, que busca orientar os indivíduos em todos os níveis de crescimento por meio do ensino para que eles venham a conhecer e experimentar o propósito de Deus em suas vidas;

- A educação cristã é o processo, centrado na Bíblia, de comunicar a Palavra escrita de Deus pelo poder do Espírito Santo com o propósito de levar os outros a Cristo e construí-los em Cristo;

- A educação cristã é o processo divinamente instigado e humanamente cooperativo pelo qual as pessoas crescem e se desenvolvem na vida, ou seja, no conhecimento divino, na fé, na esperança e no amor por meio de Cristo.

- A educação cristã é o esforço deliberado, sistemático e sustentado para compartilhar ou se apropriar dos conhecimentos, valores, atitudes, habilidades, sensibilidades e comportamentos que compõem ou são consistentes com a fé cristã. Promove a mudança, a renovação e a reforma de pessoas, grupos e estruturas pelo poder do Espírito Santo de se adequar à vontade revelada de Deus expressa nas Escrituras e presente na pessoa de Jesus Cristo.

De qualquer forma, independentemente da definição escolhida, a educação cristã é muito mais do que a educação de domingo ou da igreja – é educação para a vida.

NAS BARBAS DE FARAÓ

VALTAIR MIRANDA
RIO DE JANEIRO, RJ

Mais de 300 anos se passam. Um grande silêncio textual denuncia que uma enorme obra acontece sub-repticiamente. Como uma larva, que gera no seu interior uma borboleta, o silêncio enclausurador de quatro séculos concebe uma grande nação bem no seio do adversário, nas barbas do faraó do Egito.

Quando as luzes da narrativa voltam a se acender, tudo é diferente. A família de Jacó chegou com 70 pessoas para morar na região fértil do Delta do Nilo e reaparece com milhares de pessoas que enchem o Egito e provocam o medo de levante nos dirigentes egípcios.

Eles entraram no Egito livres, com dinheiro e de cabeça erguida. Agora, são um bando de escravos, debaixo dos chicotes dos capatazes, que trabalham na fabricação de tijolos para as enormes construções de faraó.

É nesse cenário que entra um judeu com nome egípcio, Moisés. Seu nome significa algo como “filho de”. Será esse homem que coordenará o maior evento da história do povo de Deus no Antigo Testamento: o êxodo do Egito.

O êxodo será lembrado, desse momento em diante, como a grande intervenção de Deus na história do seu povo. Os números ajudam a demonstrar isso. Quase quatro quintos dos cinco primeiros livros da Bíblia são usados para descrevê-lo, e mais de um sexto de todo o Antigo Testamento é dedicado a recontar esse período proporcionalmente curto da história.

Com o êxodo, a promessa, que antes fora feita aos patriarcas, agora é feita ao povo. De promessa, transforma-se em aliança, em pacto. Javé será o Deus de Israel e Israel será o povo de Javé.

É verdade que antes o compromisso era unilateral: apenas Deus se comprometia com os patriarcas. Agora, é bidirecional. Se o povo for fiel, a aliança será mantida. Se o povo for infiel, ele pagará um alto preço por isso.

Uma pergunta precisa ser respondida: por que os hebreus (é assim que eles são chamados nesse período) são tratados como escravos pelos egípcios, se eles chegaram como convidados na terra? A resposta está na sucessão egípcia, que

coloca no trono um imperador que não se lembra de José, ou dava importância ao que ele fora para o Egito.

Esse imperador, além de não ter interesse pessoal nos hebreus, por não terem vínculo sanguíneo com os egípcios, ainda os teme pelo crescimento – eles se multiplicam como coelhos. Sua taxa de crescimento é superior à dos egípcios. O medo do monarca é que esse povo, de tão numeroso, organize um levante e domine a nação. Sua estratégia, então, é introduzir regras para oprimi-los e, conseqüentemente, reduzir a taxa de crescimento. O faraó aumenta o trabalho e ordena o massacre dos filhos dos hebreus.

Sua tática dará resultado? Talvez, se os hebreus fossem uma outra nação. Mas eles são os escolhidos de Deus, mesmo que nesse momento ainda não tenham noção do que isso significa.

Pela providência divina, um garoto, Moisés, é salvo da morte e é criado na própria corte egípcia.

A origem de Moisés, certamente, lhe dá uma educação principesca. Ele é educado em todos os conhecimentos de uma das maiores culturas de toda a história antiga. Artes, ciência, administração, liderança, regras internacionais. Os egípcios treinam aquele que será o seu próprio algoz.

A corte egípcia, entretanto, não fornece para Moisés as características necessárias

para que ele seja o grande líder do povo de Deus. Ele precisa ainda passar por um estágio sufocante nas areias desérticas.

Depois de uma tentativa frustrada de libertar o povo por conta própria, com medo de faraó, Moisés foge para a terra de Midiã, onde é acolhido por Jetro, um líder religioso. Além de casa, esse simpático religioso ainda fornece uma esposa para Moisés, Zípora. Casado, chefe de família, Moisés é treinado agora como pai, pastor de ovelhas e guia no deserto.

Ele se torna profundo conhecedor das dinâmicas do deserto em torno do Sinai. Debaixo do sol e das estrelas, ele adquire paciência, perseverança, perspicácia e resistência. Dura é a pele de um pastor de ovelhas no deserto, bem diferente, certamente, de um príncipe egípcio acostumado a leite e sombra fresca.

Deus matricula Moisés nessa escola do deserto, e as aptidões então apreendidas serão de grande utilidade para conduzir o povo, posteriormente, por esse mesmo lugar.

É no deserto que Deus aparece a Moisés e o vocaciona pessoalmente para libertar o seu povo. Por causa da arrogância natural da corte egípcia, não é difícil imaginar o susto que faraó leva quando o ex-príncipe surge do deserto exigindo a soltura dos escravos hebreus. É um desafio para o monarca.

Muito mais do que isso, pela forma como Moisés se dirige, o desafio é lançado às

divindades egípcias. O Deus de Abraão, de Isaque e Jacó, agora também o Deus de Moisés, deseja seu povo livre para o adorar. Esse Deus tem nome: Javé.

Faraó percebe a afronta às suas divindades e aceita o desafio. O que se sucede, então, é um ataque paulatino e constante de Javé às divindades egípcias. Uma por uma, nenhuma delas consegue resistir ao poderio do Deus dos deuses, o Deus de Moisés e do seu povo.

Os egípcios veem o mundo repleto de deuses meio divino e meio animal. São deuses em forma de gatos, cães, serpentes, crocodilos e outros animais. As forças da natureza (o sol, a lua, os rios etc.) também são objeto de adoração.

O episódio das pragas no Egito ilustra isso. Cada praga, muito mais do que um simples milagre da natureza, é uma afronta a um deus egípcio. O Nilo, o Sol, a Lua, a Terra, divindades egípcias, não podem mais protegê-los diante do poder soberano de Javé.

A fraqueza dos deuses dos egípcios fica evidente e nenhuma força da natureza pode enfrentar o Deus dos hebreus. A conversão da água em sangue é um golpe contra Hapi, o deus das inundações do Nilo; a terra com rãs é um golpe contra os deuses Hapi e Ecte; os piolhos, contra o pó da terra, sagrado para os egípcios; a morte do gado, contra Amom, o deus-carneiro; as trevas, contra Rá, o deus-sol.

Deus demonstra seu enorme poder em favor do seu povo. Depois da última praga, os hebreus finalmente percebem que ele é onipotente, e após comemorar a Páscoa, 600 mil homens, além de mulheres, crianças e estrangeiros saem atrás de Moisés.

Se os hebreus fizessem o caminho tradicional para Canaã, a viagem não levaria mais do que 15 dias. Esse é o prazo regular de um comerciante ou uma caravana do Egito para a Palestina.

Deus, porém, tem outros planos para aquela viagem que durará 40 anos pelo deserto. O bando de ex-escravos precisa ser disciplinado, como Moisés já fora. A nação inteira precisa ser diplomada por essa escola de vida antes de organizar-se em tribos em Canaã.

Três meses depois de sair do Egito, o povo chega no Monte Sinai (Horebe). Nesse lugar, eles acampam por quase um ano. A promessa de Deus se transforma finalmente numa aliança nacional.

Para a Bíblia, Deus fez uma aliança com Abraão. Seria melhor dizer que ele faz uma promessa, já que só Deus se compromete. No Sinai, entretanto, uma nova dimensão é acrescentada: a contrapartida do povo. Este precisa ser obediente para receber as bênçãos prometidas.

Neste cenário surge a lei, entregue a Moisés no Sinai. Com a lei, um passo a mais é dado no disciplinado do povo.

LIÇÃO

1

TEXTO BÍBLICO

ÊXODO 1.1-22

TEXTO ÁUREO

ÊXODO 1.22

I. PREPARO

OBJETIVOS

- Destacar que Deus controla todos os acontecimentos para o bem dos seus filhos, quaisquer que sejam os efeitos imediatos.
- Identificar a prosperidade que Deus sempre quer nos dar e a desgraça que o mundo está sempre a nos infligir.

METODOLOGIA DE ENSINO

- Expositiva, acompanhada de perguntas interativas. O método expositivo pode ser enriquecido com perguntas feitas aos alunos de forma interativa. As perguntas podem ser de forma circular,

ESCRavidÃO E TERROR NO EGITO

para atingir toda a turma, ou de forma voluntária, para atingir apenas aqueles que desejam participar;

- Atividade individual.

RECURSOS DE ENSINO

- Revista do aluno.
- Papel, lápis ou caneta.

II - DESENVOLVIMENTO DA AULA

APRESENTAÇÃO

Dar boas-vindas aos alunos e pedir a todos que façam uma breve oração por alguma tribulação que estejam vivendo nesse momento em sua vida.

DESENVOLVIMENTO

Pedir a um aluno para orar. Sugerir que a oração seja de gratidão ao Senhor pela sua fidelidade e pelo seu invencível poder sobre a história sem arbitrariedade e nem despropósito. Lembrar aos jovens que só precisamos descobrir o que Deus tem para nós.

Apresentar os tópicos da lição a partir da revista do aluno, fazendo comentários com base nos textos bíblicos, que poderão ser lidos pelos alunos. Destacar os seguintes aspectos:

Inspiração e historicidade. Moisés, cujo nome significa “tirado das águas”, é a figura central de Êxodo. Ele é o profeta hebreu que liderou os israelitas em sua saída do Egito. O livro de Êxodo é tradicionalmente atribuído a ele, baseado principalmente em algumas passagens do próprio livro (Ex 17.14; 24.4,7; 34.27). No Novo Testamento, Jesus chama Êxodo de “o livro de Moisés” (Mc 12.26; 7.10), confirmando assim a sua inspiração e a sua autoridade. Por meio de eventos variados e de encontros face a face com Deus, Moisés recebeu a revelação daquelas coisas que Deus desejava que ele soubesse e comunicou pela inspiração do Espírito Santo ao povo hebreu, tanto na forma oral como na escrita.

Aflicção... para separação. Deus permitiu e usou a opressão de Israel a fim de separar os israelitas da idolatria e das práticas imorais do Egito, de prepará-los para seu livramento miraculoso do Egito e para seu relacionamento com ele mediante a fé. A aflicção pode nos servir de alerta para “deitar fora os deuses” (Js 24.14) da nossa vida que nos impedem de servir ao Senhor com sinceridade.

Tirados do Egito por Deus. No livro de Êxodo, os filhos de Israel foram tirados da opressão egípcia; no livro de Atos (o livro mais ou menos correspondente do NT) os filhos de Deus (crentes) são tirados da religião daqueles dias, o judaísmo. “Êxodo” significa “saída”. Deus sempre leva para fora antes de levar para dentro. Um crente não pode cometer erro maior do que achar que pode entender os pensamentos de Deus com sua mente natural. Devemos colocar para fora de nossa vida as coisas que sabemos que não agradam a Deus, como nos diz Isaías 1.16,17: *“Lavai-vos, purificai-vos; tirai de diante dos meus olhos a maldade dos vossos atos; cessai de fazer o mal; aprendei a fazer o bem; buscai a justiça, acabai com a opressão, fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva”*.

O inimigo dos filhos de Israel é o rei do Egito. O inimigo de nossas almas são Satanás e aqueles que ele usa. As tribula-

ções fizeram o povo entender que estava em terreno inimigo. Assim fazem nossas tribulações. Este não é o lugar para nos estabelecermos. Na verdade, as lutas, as provações e os impedimentos não eram obstáculos para o crescimento do povo de Deus, muito pelo contrário, quanto maior eram os problemas mais eles cresciam “Porque quando estou fraco, então é que sou forte” (2Co 12.10).

O homicídio está no coração de faraó.

A situação de Israel enquanto estava no Egito é uma figura do crente – a sentença de morte estava sobre nós – mas fomos libertados por Deus. Foi Deus quem conservou em vida os bebês, embora aquelas parteiras que ele usou não se comportaram como deviam no que se refere à honestidade (2Co 4.7). A pessoa que o Senhor pode usar nunca é perfeita. Apenas Cristo é perfeito. O Espírito Santo mantém a glória de Cristo coletivamente e o senhorio de Cristo individualmente.

Fazer a leitura do texto “*Liquidação*”:

Para se adaptar aos novos tempos, Satã fez uma liquidação de suas tentações. Colocou anúncio no jornal e atendeu aos fregueses em sua oficina. Era um estoque enorme: pedras para virtuosos tropeçarem, espelhos que aumentavam a própria importância. Alguns objetos chamavam muita atenção, como um punhal de lâmina curva para ser usado nas costas de

alguém. Um freguês notou duas coisas que pareciam muito usadas e que pouco chamavam a atenção. Curioso, quis saber a razão: “Elas estão gastas porque são as que eu mais uso. Se chamassem a atenção, as pessoas saberiam como se proteger. Uma é a dúvida, a outra é o complexo de inferioridade. Outras tentações sempre podem falhar, mas estas duas sempre funcionam”.

Após a leitura, fazer as seguintes questões: alguma vez eu duvidei da fidelidade de Deus para comigo? Alguma vez eu me senti inferior a alguém? Dar tempo aos alunos para pensarem e disponibilizar oportunidades para aqueles que quiserem dar o seu testemunho.

AValiação

8. Distribuir papel e lápis para cada aluno pedindo que escrevam pelo menos três atitudes da “liquidação” de Satanás que devem ser mudadas em suas vidas, preparando-os para vencer as astutas ciladas do Maligno, para deixar Deus em cena nas suas vidas. E desafiar os jovens a orarem especificamente por elas no decorrer da semana.

9. Terminar o encontro orando pela necessidade que temos de vencer a dúvida e a incapacidade, sentimentos que nos afligem de modo a impedir a nossa comunhão com o Senhor e que dão chances para o inimigo dominar a nossa vida.

LIÇÃO

2

DEUS LEVANTA UM LIBERTADOR

TEXTO BÍBLICO**ÊXODO 2.1-4.17****TEXTO ÁUREO****ÊXODO 4.2****I. PREPARO****OBJETIVOS**

- Destacar a necessidade de compreender e ajustar ao propósito de Deus, de modo que ele dirija a nossa vida, ações e atitudes para o nosso próprio bem.
- Destacar que a fidelidade de Deus é inviolável para conosco, pois Deus vê, escuta, se importa, cumpre o que promete e tem consideração pelo ser humano, independentemente do que pensa de si mesmo e dos caminhos que percorre.

METODOLOGIA DE ENSINO

- Exposição pelo professor;

- Atividade em grupo com a apresentação dos itens destacados e a participação orientadora do professor.

RECURSOS DE ENSINO

- Revista do aluno;
- Papel, lápis ou canetas;
- Quadro-negro e giz.

II - DESENVOLVIMENTO DA AULA**APRESENTAÇÃO**

Dar boas-vindas aos alunos, orar pelo estudo, por algum pedido de oração ou agradecimento.

Interpelar os alunos quanto a alguma diferença em relação às propostas elencadas na aula anterior.

Explicar o tema, os objetivos do estudo de hoje e sua importância para a vida espiritual e de comunhão do cristão.

DESENVOLVIMENTO

Dividir a classe em dois grupos e eleger um representante para cada um deles.

Escrever no quadro-negro conforme as sugestões dos quadros abaixo e pedir aos alunos que destaquem:

Grupo 1:

Atitudes e respectivos resultados do agir do homem, com base em Êxodo 2.11-14:

Ação do homem	Resultado

Grupo 2:

Dificuldades do homem e as respectivas soluções de Deus com base em Êxodo 4.1:

Dificuldades	Soluções

Em seguida, pedir aos representantes dos grupos que apresentem para a classe o que destacaram. Ao final das apresentações, o professor poderá escrever no quadro: “Deus usa o nosso fracasso pa-

ra nos levar ao sucesso de sua vontade” e vincular esta frase ao que a revista do aluno apresenta como A lição em foco.

Explicar que, em todos os acontecimentos na vida de Moisés, podemos tirar grandes lições para o nosso relacionamento com Deus.

Resumir os tópicos apresentados na revista do aluno:

- Um menino que lembra o outro;
- Fuga inevitável;
- O chamado;
- Desculpas indesculpáveis.

AVALIAÇÃO

1) Ler o texto abaixo e pedir aos alunos que reflitam sobre ele:

Largue o cesto

Você estagnou, esperando Deus agir? Deus não nos quer parados. Ele quer de nós uma pequena, porém, difícil atitude.

Aquela mãe não podia mais esconder a criança, pois seu choro e demais expressões começavam a ficar mais evidentes a cada dia (Ex 2.3). Era preciso que ela deixasse o seu bebê. Ela precisava abrir mão do que tanto amava, para que os planos de Deus pudessem se realizar. Pensemos naquela mãe ajoelhada, diante do Rio Nilo, com seu filho no cesto, com medo da separação, chorando e se derramando diante de Deus: “Deus, eu fiz tudo o que podia; não consigo mais

escondê-lo. Eu o amo tanto". A dor daquela mãe é evidente. Mas, com ousadia e confiança em seu Deus, ela olha para o seu filho mais uma vez e diz a Deus: "*Senhor, aqui terminam minhas ações. Eu largo o cesto para que tu, Senhor, cumpras o teu plano*".

Já experimentou largar o "cesto"? Muitas vezes estamos tão agarrados com nossos sonhos e projetos que Deus não pode continuar sua obra em nossa vida. Não nos damos conta de que largar o "cesto" é ordenança de Deus. A ação que Deus quer é esta: largar nossos planos e sonhos nas mãos Dele.

Não podemos pensar em nós mesmos, mas sim nos propósitos de Deus para nossos ministérios, trabalhos, relacionamentos e tudo mais que precise do controle do Senhor, porque "*assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos*" (Is 55.9). É característica nossa sermos controladores e tentarmos dirigir tudo pelo nosso próprio entendimento. Mas, como filhos de Deus, precisamos confiar na promessa de que os propósitos de Deus jamais se frustrarão (Jó 42.2).

A Palavra de Deus para nós é "largue o cesto". Não com desesperança, não com desistência, mas com a certeza de que lá embaixo, no final do rio, nossos

planos terão destino certo, preparado pelo Senhor.

2) Terminar o momento concedendo uns minutos para a oração reflexiva individual, quebrando o silêncio com uma oração em voz alta.

III - INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

O fracasso do libertador. Fracassar não foi uma experiência somente de Moisés; é algo que acontece com muitos de nós; "Todos nós tropeçamos de muitas maneiras" (Tg 3.2). George Washington perdeu 2/3 das batalhas que lutou, mas ganhou a guerra e tornou-se presidente dos EUA. R.P. Macy, fundador da rede de lojas Macy's nos EUA, uma das lojas mais finas no mundo, experimentou sete vezes a falência antes de abrir sua primeira loja de sucesso. Napoleão Bonaparte formou-se no colegial em 42º lugar, numa classe de 43 alunos e depois acabou conquistando a Europa.

Nosso primeiro fracasso vem quando decidimos parar de tentar. Falhar não é fatal (Ec 7.20). Falha-se e precisa-se ver por quê; se falhamos porque agimos em nossa carne e sem os recursos de Deus ou, então, se foi por causa de circunstâncias normais da vida. Se agimos antes do tempo do Senhor, ou em nossa própria força, colocamos em risco os planos de Deus para nós.